O erotismo e as formas de olhar em “La Chambre” (Chantal Akerman) e “Fuses” (Carolee Schneemann)

Flora N. Soares*, Fernão Ramos.

Resumo

Este texto apresenta um início de pesquisa sobre os filmes “La Chambre” de Chantal Akerman e “Fuses” de Carolee Schneemann, baseando-se em bibliografia em Teoria do Cinema com análise feminista, utilizando, particularmente, a obra de Laura Mulvey e de Julia Kristeva. O projeto intentava um breve panorama do movimento feminista e da escrita feminina literária, adaptados ao meio cinematográfico, com a finalidade de análise fílmica. A base psicanalítica estará presente através da abordagem citada, além de desenvolvimentos acerca do erotismo e do prazer visual.

Palavras-chave:

teoria feminista do cinema, cinema experimental, Laura Mulvey.

Introdução

Essa pesquisa não foi concluída e tinha como objeto final realizar uma análise dos filmes “Fuses” de Carolee Schneemann e “La Chambre” de Chantal Akerman pelo viés da crítica feminista do cinema do olhar patriarcal. Algumas características que julgo presentes nas obras, como o erotismo, a experimentação formal e a primeira pessoa, pressupõem, para sua compreensão, uma busca teórica ramificada, que passa pela psicanálise e por questões importadas da teoria literária sobre a escrita de si e subjetividade. Tais caminhos teóricos estão contidos nas reflexões do que conhecemos por teoria feminista, a qual orientou as discussões da pesquisa.

Resultados e Discussão

A questão da resistência feminista se configura da seguinte maneira: como enfrentar o inconsciente estruturado como linguagem (formado criticamente no momento de adoção da linguagem) ao mesmo tempo em que ainda se está enredada na linguagem do patriarcalismo?. Mulvey propõe que um começo de caminho é uma ruptura com essa linguagem. Este é um projeto político voltado especialmente para mulheres atrás das câmeras, artistas. A artista, “atriz” que filma e é filmada, ganha complexidade nesse contexto, circunstância das duas cineastas alvo dessa pesquisa. O que seria, então, uma forma não-patriarcal do olhar nos códigos fílmicos? Poderia ela ser uma forma feminina de olhar? Há que estruturas do olhar em “Fuses” e “La Chambre”? Uma estética feminina pressupõe que noção de existência e experiência de mulher? Em que medida a questão da autofilmagem e do erotismo são meios - ou “meios”, há de se investigar - dessa possível forma estética?

Conclusões

Os questionamentos que levantei permanecem sem resposta, mas com a finalidade de jogar luz sobre as tensões que eles evidenciam, guiarei as leituras que realizei durante o curto período da pesquisa. Assim, compartilho os últimos levantamentos, que são sobre o livro “Death 24x a Second: Stillness and the Moving Image” de Laura Mulvey, sobre formas de espectadores: o

possessivo e o pensativo. São o embrião para se pensar o fetiche visual para além do filme erótico, que embasa o patriarcalismo na visualidade e, logo, nos ajuda a definir o que é uma reação a ele.

A ação do espectador possessivo em relação ao filme que assiste é uma ação colonizadora. Ele comete um ato de violência contra a coesão da história, a integridade estética que a mantém unida e a visão do criador. (MULVEY). Essa vontade de governar a história é uma expressão de um instinto sádico, para a autora. Ela, citando Freud, vê a repetição e compulsão como formas de expressão do sadismo.

Já a ação característica do espectador pensativo é sua capacidade reflexiva e analítica ao assistir um filme - que se dá pelas diferentes temporalidades cinematográficas a que ele é exposto. O acontecimento crucial que cria o espectador pensativo é um momento de imobilidade dentro do filme. A autora traz um exemplo de Barthes, de uma fotografia filmada dentro do audiovisual; as duas grandes temporalidades concorrentes são a da narrativa, um tempo imaginado, e o tempo em que a imagem fora produzida; quando a presença do passado, o tempo de registro, aparece, parece cancelar o fluxo narrativo (MULVEY).

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu orientador, o professor Dr. Fernão Pessoa Ramos e a instituição de fomento CNPq-PIBIC, pelo suporte financeiro.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: an essay on abjection**. Tradução de Leon S. Roudiez. New York, NY: Columbia University Press, c1982. x, 219 p. (European perspectives). ISBN 9780231053471 (broch.).

MULVEY, Laura. **Death 24x a second: stillness and the moving image**. London: Reaktion Books, c2006. 216 p., il. ISBN 9781861892638 (broch.).

MULVEY, Laura. **Prazer Visual e Cinema Narrativo**. In: XAVIER, Ismail. A Experiência do Cinema. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 437-53, 2003.